

JO NESBØ O REDENTOR

TRADUÇÃO DE
GRETE SKEVIK

2ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

1

Agosto de 1991. As estrelas.

Ela tinha 14 anos e a certeza de que, se fechasse bem os olhos e se concentrasse, veria as estrelas através do teto.

Ao redor dela, mulheres estavam respirando. De forma regular e pesada. Apenas tia Sara roncava no colchão que haviam acomodado sob a janela aberta.

Ela fechou os olhos e tentou respirar como as outras. Estava difícil pegar no sono, pois tudo a sua volta era novo e diferente. Em Østgård, os ruídos da noite e da floresta eram diferentes. As pessoas que ela conhecia tão bem das reuniões no Templo e dos acampamentos de verão não eram mais as mesmas. Ela também não era mais a mesma. O rosto e o corpo que ela via no espelho em cima da pia eram novos nesse verão. Suas emoções também, esses estranhos fluxos quentes e frios que passavam por seu corpo quando os rapazes olhavam para ela. Ou quando um deles em particular olhava para ela. Robert. Este ano ele também estava diferente. Era difícil dormir.

Ela abriu os olhos novamente e encarou a escuridão. Sabia que Deus tinha o poder de fazer coisas grandiosas e também de deixá-la ver as estrelas através do teto. Se Ele quisesse.

O dia havia sido longo e cheio de acontecimentos. O vento seco do verão sussurrava pelo campo de trigo, e as folhas das árvores dançavam febris, fazendo a luz bruxulear sobre os visitantes que estavam no gramado do pátio. Eles haviam ouvido um dos cadetes da Escola de Oficiais do Exército de Salvação contar sobre seu trabalho como pregador nas Ilhas Faroé. O rapaz era vistoso e falou com grande sensibilidade e paixão, mas ela passou a maior parte do tempo enxotando uma abelha que girava em volta de sua cabeça, e quando o inseto finalmente sumiu, o calor a havia deixado sonolenta. Quando o cadete terminou, todos os olhares se voltaram para o comandante, David Echhoff, cujos jovens

olhos sorridentes já haviam passado dos 50 anos. Ele fez o cumprimento do Exército de Salvação, a mão direita por cima do ombro, o polegar apontando para o reino dos céus e um ressoante “Aleluia!”. Em seguida, pediu que o trabalho do cadete entre os pobres e excluídos fosse abençoado e relembrou os escritos de Mateus: Jesus, o Salvador, estava entre eles, que poderia ser um estranho nas ruas, talvez um criminoso, sem comida e sem roupas. E no dia do Juízo Final, os justos, aqueles que haviam ajudado os necessitados, ganhariam a vida eterna. Parecia que o discurso seria longo, mas alguém sussurrou algo em seu ouvido e ele disse rindo que claro, o Momento da Juventude estava no programa, e hoje era a vez de Rikard Nilsen.

Ela ouviu Rikard se esforçar para fazer com que sua voz soasse mais grave do que realmente era ao agradecer ao comandante. Como sempre, ele havia preparado seu discurso por escrito para depois recitá-lo de cor. Agora dizia que queria dedicar sua vida à luta, a luta de Jesus pelo reino de Deus. Falou de um jeito nervoso, ao mesmo tempo monótono e enfadonho. Seu olhar carrancudo e introspectivo deteve-se nela. Ela piscou e acompanhou o movimento de seu suado lábio superior formando as frases familiares, seguras e maçantes. Por isso não reagiu quando a mão tocou suas costas. Não até que as pontas dos dedos descessem por sua coluna, continuando abaixo da cintura e deixando-a toda arrepiada por baixo do vestido leve de verão.

Ela se virou e viu os olhos risonhos e castanhos de Robert. E queria que sua pele fosse tão escura quando a dele, para que ele não a visse ruborizar.

— Shhhhh — disse Jon.

Robert e Jon eram irmãos. Apesar de Jon ser um ano mais velho, muitas pessoas achavam que eles eram gêmeos quando mais novos. Agora Robert estava com 17 anos, e mesmo que mantivessem certa semelhança física, as diferenças eram mais marcantes. Robert era alegre, despreocupado, gostava de fazer gracejos e era bom na guitarra, mas nem sempre chegava pontualmente para as missas no Templo e de vez em quando suas brincadeiras podiam passar dos limites, especialmente quando conseguia fazer os outros rirem. Então era sempre Jon quem interferia. Jon era um rapaz honesto e aplicado que, segundo todos pensavam, ia cursar a escola de Oficiais e — embora isso nunca fosse dito em voz alta — encontrar uma garota do Exército. O que não parecia ser tão óbvio no caso de Robert. Jon era 2 centímetros mais alto que o irmão, mas curiosamente Robert parecia maior — desde os 12 anos, Jon começara a curvar

as costas, como se estivesse carregando todos os fardos do mundo nos ombros. Os dois tinham pele morena e traços bonitos e regulares, mas Robert tinha algo que Jon não tinha. Havia algo no olhar, algo obscuro e brincalhão, que ela queria e, ao mesmo tempo, não queria conhecer.

Enquanto Robert falava, o olhar dela vagueou pela assembleia de rostos familiares. Um dia ela se casaria com um rapaz do Exército de Salvação, e talvez eles fossem enviados para postos de trabalho em outra cidade. Mas sempre voltariam para Østgård, propriedade que o Exército acabara de comprar e que de agora em diante seria a casa de veraneio de todos eles.

Afastado do grupo, na escadaria da casa, havia um rapaz louro afaçando um gato deitado em seu colo. Ela percebeu que ele a observava, mas ele desviou o olhar no momento em que ela o notou. Ele era o único ali que ela não conhecia, mas sabia que se chamava Mads Gilstrup, que era neto dos antigos proprietários de Østgård, que tinha uns dois anos a mais que ela e que sua família era rica. Até que era bonito, mas parecia um pouco solitário. Além disso, o que estava fazendo naquele lugar? Havia chegado na véspera e andou por ali com uma expressão zangada, sem falar com ninguém. Ela já havia percebido que ele a observara algumas vezes. Mas este ano todos olhavam para ela. Isso também era novidade.

Ela foi arrancada de seus pensamentos quando Robert pegou sua mão, deixou algo na palma e disse:

— Venha para o celeiro quando o aspirante a general acabar. Tenho algo para mostrar a você.

Então ele se levantou e foi embora, e ela olhou para a mão e quase soltou um grito. Com a outra mão cobrindo a boca, deixou cair o objeto na grama. Era uma abelha. Ainda se movia, mas não tinha pés nem asas.

Finalmente, Rikard acabou, e ela viu seus pais e os irmãos Robert e Jon irem até a mesa onde o café era servido. As duas famílias eram o que as pessoas do Exército de Salvação em Oslo chamavam de “sólidas”, e ela sabia que estava sendo vigiada.

Seguiu em direção ao banheiro externo. Só quando dobrou a esquina e ninguém mais a via, correu para o celeiro.

— Sabe o que é isso? — perguntou Robert, com um olhar risonho e uma voz grossa que ele não tinha no verão passado.

Ele estava deitado de costas no meio do feno, talhando um pedaço de raiz de árvore com o canivete que sempre carregava no cinto.

Ele levantou a raiz e ela viu o que era. Tinha visto em desenhos. Ela torceu para que estivesse escuro o bastante para ele não vê-la ruborizar outra vez.

— Não — mentiu e se sentou ao lado dele no feno.

Ele dirigiu-lhe aquele olhar brincalhão, como se soubesse algo sobre ela que ela mesma desconhecia. Ela retribuiu o olhar e deitou de costas no feno, apoiada nos cotovelos.

— É algo que é usado aqui — disse ele, e no mesmo instante sua mão deslizou por baixo do vestido. Ela sentiu a raiz dura entre as coxas, e antes de conseguir fechar as pernas o objeto encostou em sua calcinha. Ela sentiu a respiração quente dele no pescoço.

— Não, Robert — sussurrou ela.

— Mas eu fiz especialmente para você — retrucou ele ofegante.

— Pare, eu não quero.

— Está dizendo não? Para mim?

Ela ficou sem ar e não conseguiu responder ou gritar porque, de repente, ouviram a voz de Jon da porta do celeiro:

— Robert! Não, Robert!

Ela o sentiu relaxar, e a raiz ficou presa entre suas coxas apertadas quando ele retirou a mão debaixo do vestido.

— Venha cá! — disse Jon como se falasse com um cachorro desobediente.

Com um risinho, Robert se levantou, piscou para ela e foi ao encontro do irmão.

Ela se sentou, sacudiu o feno e sentiu alívio e vergonha ao mesmo tempo. Alívio por Jon ter interrompido a brincadeira boba. Vergonha porque ele parecia ter pensado que era algo além de uma brincadeira.

Mais tarde, durante as orações antes do jantar, ela encarou os olhos castanhos de Robert e viu seus lábios formarem uma palavra. Ela não entendeu o que dizia, mas desatou a dar risadinhas. Ele estava louco! E ela estava... ela estava o quê? Louca, ela também estava louca. E apaixonada? É, apaixonada, isso mesmo. E não apaixonada como quando tinha 12 ou 13 anos. Agora tinha 14 e a paixão era maior. Mais importante. E mais emocionante.

Deitada, tentando olhar através do teto, ela sentiu o riso irromper dentro dela outra vez.

Embaixo da janela, tia Sara grunhiu e parou de roncar. Ouviu pios. Uma coruja?

Sentiu vontade de fazer xixi.

Não queria ir, o banheiro era lá fora, mas não podia segurar. Tinha que atravessar o gramado orvalhado em frente ao celeiro, que estava escuro e parecia totalmente diferente no meio da noite. Fechou os olhos, mas não adiantou. Saiu do saco de dormir, calçou as sandálias e foi até a porta na ponta dos pés.

Algumas estrelas brilhavam no céu, mas dali a uma hora, com o nascer do sol no leste, elas iriam desaparecer. O ar fresco acariciou sua pele quando atravessou o gramado ouvindo ruídos noturnos que não sabia identificar. Insetos que ficavam quietos durante o dia. Animais caçando. Rikard disse que tinha visto raposas perto do bosque. Ou talvez os animais fossem os mesmos que circulavam durante o dia, fazendo sons diferentes à noite. Eles mudavam. Como se trocassem de pele, por assim dizer.

O banheiro externo ficava num monte atrás do celeiro. Ela o via aumentar de tamanho à medida que se aproximava. A estranha casinha torta era feita de tábuas sem pintura, torcidas, gretadas e acinzentadas com o passar do tempo. Não havia janelas, apenas um coração na porta. O pior era que não tinha como saber se havia alguém ali dentro.

E ela estava com a forte impressão de que *havia* alguém.

Tossiu para que a pessoa que eventualmente estivesse ali desse um sinal.

Um corvo levantou voo do galho de uma árvore beirando o bosque. Nada mais quebrou o silêncio.

Ela subiu o degrau de pedra. Agarrou o pedaço de madeira que servia de maçaneta. Puxou. O banheiro se abriu para ela, escuro e vazio.

Respirou aliviada. Havia uma lanterna ao lado do sanitário, mas ela não precisava acendê-la. Levantou a tampa do assento antes de fechar a porta e colocar o trinco. Então levantou a camisola, baixou a calcinha e se sentou. No silêncio que seguiu, pensou ouvir alguma coisa. E não era corvo, nem animal trocando de pele. Era algo que se movia rápido por entre o capim alto atrás da casinha. O fluxo de xixi abafou o som. Mas seu coração já estava disparado.

Quando terminou, vestiu a calcinha e ficou quieta no escuro tentando escutar algo. Mas ouviu apenas o leve agitar das copas das árvores e seu próprio sangue latejar em seus ouvidos. Esperou o batimento se aquietar, levantou o trinco e abriu. O vulto escuro preencheu praticamente todo o vão da porta. Devia ter ficado na escada esperando, quietinho. No instante seguinte ela estava sobre o assento com ele em pé a sua frente. Ele fechou a porta.

— Você? — perguntou ela.

— Eu — respondeu com voz estranha, trêmula e rouca.

Então ele avançou. Seus olhos cintilavam no escuro enquanto ele mordida o lábio inferior dela até sangrar e sua mão encontrava o caminho por baixo da camisola, arrancando a calcinha. Ela ficou paralisada sob a lâmina da faca, que queimava a pele de seu pescoço, enquanto ele pressionava a pelve contra a dela antes mesmo de ficar sem calças, como um cão no cio.

— Uma palavra e corto você em pedaços — sussurrou.

Ela não emitiu palavra alguma. Porque tinha 14 anos e a certeza de que, se fechasse os olhos e se concentrasse, veria as estrelas através do teto. Deus tinha o poder de fazer esse tipo de coisa. Se Ele quisesse.

2

Domingo, 14 de dezembro de 2003. A visita.

Ele estudou as próprias feições no reflexo da janela do trem. Tentou ver o que era, onde residia o segredo. Mas não viu nada especial além do lenço vermelho, apenas um rosto inexpressivo com olhos e cabelos que, em contraste com as paredes do túnel entre Courcelles e Ternes, eram tão pretos quanto a noite eterna do metrô. O *Le Monde* estava sobre seu colo e previa neve, mas, acima dele, as ruas de Paris ainda estavam frias e desertas sob uma pesada e impenetrável camada de nuvens. Suas narinas se abriram e inalaram o cheiro fraco, mas distinto, de cimento úmido, suor humano, metal chamuscado, *eau de cologne*, tabaco, lã molhada e bile, um cheiro que nem sabão nem arejamento jamais conseguiriam remover dos assentos do trem.

O deslocamento de ar causado por um trem que seguia na direção oposta fez o vidro vibrar, e a escuridão foi temporariamente substituída por quadrados pálidos de luz bruxuleante. Ele levantou a manga da jaqueta e olhou o relógio, um Seiko SQ50 que ele ganhara como parte do pagamento de um cliente. Já tinha arranhões no vidro, por isso sabia que era mercadoria verdadeira. Sete e quinze. Era domingo à noite e o vagão estava com meia lotação. Olhou ao redor: as pessoas dormiam no metrô, como sempre. Principalmente nos dias da semana. Relaxavam, fechavam os olhos e faziam da viagem diária um intervalo sem sonhos entre a linha vermelha ou azul no mapa do metrô, uma conexão muda entre o trabalho e a liberdade. Ele havia lido sobre um homem que ficara sentado no vagão um dia inteiro, de olhos fechados, indo e vindo, e só quando foram limpar o local à noite descobriram que ele estava morto. Talvez tivesse descido para as catacumbas justamente com este propósito: pegar uma conexão na linha azul entre a vida e o além naquele caixão amarelo pálido.

Mas ele mesmo estava em vias de pegar uma conexão na direção oposta. De volta à vida. Só este serviço hoje à noite e depois um em Oslo. O último. E então sairia da catacumba de vez.

O sinal apitou antes de as portas se fecharem em Ternes. O metrô retomou sua velocidade.

Ele fechou os olhos, tentando imaginar o outro cheiro. O cheiro de pedras sanitárias e urina fresca e quente. O cheiro da liberdade. Mas talvez fosse verdade o que sua mãe, a professora, dissera. Que o cérebro humano pode reproduzir imagens detalhadas de tudo que você tenha visto ou ouvido, mas o mesmo não acontece com o mais básico dos cheiros.

Cheiros. As imagens começaram a passar sob suas pálpebras. Ele tinha 15 anos. Estava no corredor do hospital de Vukovar e ouvia a mãe murmurar repetidamente a prece ao apóstolo Tomé, o santo dos trabalhadores da construção civil, pedindo que Deus poupasse seu marido. Ele ouvira os estampidos dos disparos da artilharia sérvia vindos do rio e os gritos dos que eram operados na ala infantil, onde não havia mais bebês porque as mulheres da cidade pararam de ter filhos quando o cerco começou. Ele tinha trabalhado como office boy no hospital e aprendera a repelir os sons dos gritos e da artilharia. Mas os cheiros não. Principalmente um. Quando amputavam, os cirurgiões precisavam primeiro cortar a carne até o osso e, para o paciente não sangrar até morrer, usavam algo parecido com um ferro de soldar para cauterizar as artérias e estancar o sangue. Não havia nada igual àquele cheiro de carne e sangue queimado.

Um médico aparecera no corredor, chamando-os para entrar. Ao se aproximar da cama, ele não teve coragem de encarar o pai; fixou o olhar no grande punho moreno agarrado ao colchão, como se quisesse rasgá-lo ao meio. E teria conseguido, porque aquelas eram as mãos mais fortes da cidade. Seu pai era um dobrador de ferro, era ele quem ia aos canteiros de obra assim que os pedreiros haviam terminado, colocando suas mãos enormes em volta dos vergalhões de aço que despontavam do concreto armado, e, com um movimento rápido, porém bem estudado, os vergalhões se torciam até ficarem trançados. Ele tinha visto seu pai trabalhar; parecia estar torcendo um pano de chão. Ninguém havia inventado uma máquina que desempenhasse melhor aquela função.

Ele voltou a cerrar os olhos quando ouviu a voz do pai gritar de dor e desespero:

- Tire o menino daqui!
- Ele mesmo pediu...
- Fora!

A voz do médico:

— O sangramento estancou, vamos começar!

Alguém o agarrou por baixo dos braços e o levantou. Ele esperneou, mas era tão pequeno, tão leve. Foi quando sentiu o cheiro. De carne queimada e sangue.

A última coisa que ouviu foi a voz do cirurgião:

— A serra.

A porta se fechou atrás dele e ele caiu de joelhos, continuando a prece de onde a mãe tinha parado. Salve-o. Pode mutilá-lo, mas salve-o. Deus tinha o poder de fazer coisas assim. Se Ele quisesse.

Ele sentiu que estava sendo observado; abriu os olhos e estava de volta ao metrô. No assento a sua frente havia uma mulher com maxilares tesos e um olhar cansado e distante que se desviou ao encontrar o dele. O ponteiro dos segundos de seu relógio se movia aos solavancos enquanto ele repetia o endereço para si mesmo. Sentiu seu pulso. Normal. A cabeça estava leve, mas não demais. Não estava com frio nem suava, não sentiu medo nem alegria, desprazer ou prazer. A velocidade diminuiu. Charles de Gaulle-Étoile. Lançou um último olhar para a mulher. Ela tinha olhado bem para ele, mas se o encontrasse de novo, talvez naquela mesma noite, não o reconheceria.

Ele se levantou e esperou em frente à porta. Os freios gemeram baixinho. Pedras sanitárias e urina. E liberdade. Tão impossível de imaginar quanto um cheiro. As portas se abriram.

Harry desceu para a plataforma e ficou respirando o ar quente do subterrâneo enquanto olhava o bilhete com o endereço. Ouviu as portas se fecharem e sentiu um leve golpe de ar nas costas quando o trem se pôs em movimento. Então começou a andar em direção à saída. Um anúncio acima da escada rolante informava que havia maneiras de evitar resfriados. “Duvido”, pensou ele, tossindo, e meteu a mão no bolso fundo do casaco de lã. Encontrou o maço de cigarros por baixo do cantil e da caixa de tabletes de vitamina C.

O cigarro agitou-se em sua boca quando ele saiu pela porta de vidro, deixando o calor úmido e artificial do metrô de Oslo atrás de si, e correu escada acima para entrar na noite gélida e escura, como não podia deixar de ser em dezembro. Instintivamente, Harry se encolheu. Egertorget. A pequena praça era um cruzamento de ruas de pedestres bem no coração de Oslo, se é que a cidade tinha coração naquela época do ano. As lojas estavam abertas mesmo no domingo, já que era o penúltimo fim de

semana antes do Natal, e a praça fervilhava de pessoas correndo para lá e para cá sob a luz amarela que vinha das janelas dos modestos prédios comerciais de quatro andares que cercavam a praça. Harry viu as sacolas com presentes embrulhados e pensou que não podia se esquecer de comprar alguma coisa para Bjarne Møller, que no dia seguinte teria seu último dia de trabalho no Quartel da Polícia. O chefe e defensor de Harry na corporação durante todos aqueles anos tinha finalmente realizado seu plano de reduzir a carga de trabalho de Møller e, a partir da semana seguinte, ele assumiria o cargo de delegado especial sênior na Polícia de Bergen. Na prática, isso queria dizer que Bjarne Møller poderia fazer o que quisesse até se aposentar. Beleza, mas Bergen? Chuva e montanhas úmidas. Nem era a cidade natal dele. Harry sempre gostou de Bjarne Møller, mas nem sempre o compreendeu.

Um homem envolto numa jaqueta e calças acolchoadas passou andando como um astronauta de redondas bochechas cor-de-rosa, arreganhando os dentes e soprando fumaça gelada. Costas curvadas e cara fechada típica de inverno. Perto do relojoeiro, Harry viu uma mulher pálida numa jaqueta de couro fino com furos nos cotovelos, saltitando de frio, o olhar vagueando na esperança de logo encontrar seu traficante de drogas. Um pedinte, de cabelo comprido e barba para fazer, porém bem protegido em roupas de inverno da moda, estava sentado no chão em posição de ioga, encostado num poste de luz, a cabeça inclinada como se estivesse meditando e um copo de papel com café a sua frente. Naquele ano, Harry tinha visto um crescente número de pedintes e ocorreu-lhe que eram todos parecidos. Até os copos de papel eram idênticos, como se fossem um código secreto. Talvez os mendigos fossem criaturas do espaço que, às escondidas, estavam tomando posse de sua cidade, suas ruas. E daí? Fiquem à vontade.

Harry entrou na loja do relojoeiro.

— Pode consertar esse aqui? — perguntou ao jovem atrás do balcão, estendendo-lhe o relógio do avô.

Aquele fora um presente que Harry ganhara quando menino em Åndalsnes, no dia em que sua mãe foi enterrada. Ele havia ficado assustado, mas seu avô o tranquilizara dizendo que relógios são objetos que se dão de presente, e que Harry também devia passá-lo adiante:

— Antes que seja tarde demais.

Harry nem se lembrava mais do relógio até que um dia, no outono, Oleg o visitou em seu apartamento na rua Sofie e encontrou o relógio de prata numa gaveta enquanto procurava pelo Game Boy. E Oleg, que

tinha 9 anos, mas há algum tempo já vencia Harry no ultrapassado Tetris, se esqueceu da disputa que ansiava por jogar e começou a mexer no relógio para tentar fazê-lo funcionar.

— Está quebrado — disse Harry.

— Bah! — respondeu Oleg. — Tudo tem conserto.

No fundo do coração, Harry tinha esperança de que a alegação fosse verdadeira, mas havia dias em que duvidava seriamente disso. Mesmo assim, ele perguntou a si mesmo se iniciaria Oleg em Jokke & Valentinerne e seu álbum *Alt kan repareres*, tudo tem conserto. Pensando melhor, ele chegou à conclusão de que Rakel, mãe de Oleg, provavelmente não ia gostar da situação: seu ex-namorado que já fora alcoólatra enfiando na cabeça do filho músicas sobre como é ser viciado em bebida, escritas e cantadas por um junkie já morto.

— Tem conserto? — perguntou ao jovem atrás do balcão. Em vez de responder, suas mãos ágeis e experientes abriram o relógio.

— Não vale a pena.

— Não vale a pena?

— Se você for a um antiquário, consegue relógios melhores e que funcionam bem por um valor mais barato do que o conserto deste aqui.

— Faça mesmo assim — pediu Harry.

— Tudo bem — disse o jovem, que já havia começado a examinar os mecanismos internos e parecia até contente com a decisão de Harry. — Volte na próxima quarta-feira.

Quando Harry saiu, ouviu o som frágil de uma corda de guitarra através de um amplificador. O som aumentou quando o guitarrista, um rapaz com barba rala e luvas sem dedos, girou uma das tarraxas de afinação. Estava na hora de um dos concertos pré-natalinos, quando artistas famosos compareciam para tocar em prol do Exército de Salvação na praça Egertorget. As pessoas já se aglomeravam em frente à banda que ia tocar, enquanto ela se posicionava atrás de um posto de doações da instituição, um pequeno caldeirão que pendia de um tripé no meio da praça.

— É você?

Harry se virou. Era uma mulher com o olhar perdido típico dos viciados.

— É você, não é? Snoopy te mandou? Preciso de uma dose já, tenho...

— Lamento — interrompeu Harry. — Não sou eu.

Ela o encarou. Inclinou a cabeça e cerrou os olhos, como se para descobrir se mentia para ela.

— Tá aí, já te vi antes, sacou?

— Sou da polícia.

Ela se calou. Harry respirou fundo. A reação veio com certo atraso, como se o recado tivesse que se desviar de neurônios queimados e sinapses destruídas. Então, a luz fosca de ódio que Harry estava esperando apareceu naqueles olhos.

— Polícia?

— Pensei que tínhamos um trato. Vocês deveriam ficar na praça, na Plata? — perguntou Harry, e olhou além dela, para o vocalista.

— Bah! — disse a mulher, posicionando-se bem na frente dele. — Você não está na Narcóticos. Você é aquele cara da TV que matou...

— Homicídios. — Harry a pegou de leve pelo braço. — Escute. Você encontra o que quiser na Plata. Não me obrigue a levá-la para a delegacia.

— Não posso. — Ela se desvencilhou.

Harry já se arrependera e levantou os dois braços.

— Pelo menos diga que não vai comprar nada aqui agora, então eu posso me mandar. Tá legal?

Ela inclinou a cabeça. Os lábios finos e pálidos se crisparam de leve, como se ela visse algo engraçado na situação.

— Quer que eu te conte por que não posso ir a Plata?

Harry esperou.

— Porque meu menino está lá.

Ele sentiu um frio na barriga.

— Eu não quero que ele me veja assim. Sacou, cara?

Harry olhou para o rosto obstinado da mulher, tentando formular uma frase.

— Feliz Natal — disse ele, e virou as costas para ela.

Harry deixou cair o cigarro na neve marrom e começou a andar. Ele queria acabar logo com aquilo. Não olhou para as pessoas que encontrou pelo caminho, e elas, encarando o gelo azul com a cabeça baixa como se estivessem com a consciência pesada, tampouco olharam para ele, como se sentissem vergonha de serem cidadãos da mais generosa social-democracia do mundo. “Porque meu menino está lá.”

Na rua Fredenborg, ao lado da Biblioteca Pública de Oslo, Harry parou em frente ao número escrito no envelope que trazia. Inclinou a cabeça para trás. A fachada preta e cinza estava recém-pintada. Um sonho para um grafiteiro. De algumas janelas pendiam enfeites natalinos, silhuetas à luz amarela e suave vinda do que pareciam ser lares aconchegantes e seguros. E talvez sejam mesmo, Harry se obrigou a

pensar. Obrigou-se porque não é possível ter 12 anos de polícia nas costas sem ficar contagiado pelo desdém pela humanidade que acompanha a profissão. Mas ele teimava em resistir; deve-se tirar o chapéu para ele.

Ele encontrou o nome ao lado da campainha, fechou os olhos e tentou encontrar as palavras certas. Não adiantou. Sua voz ainda o perturbava.

“Não quero que ele me veja assim...”

Harry desistiu. Há uma maneira correta de formular o impossível?

Ele pressionou o polegar contra o botão de metal frio, e em algum lugar dentro da casa soou uma campainha.

O capitão Jon Karlsen soltou o botão da campainha, colocou as sacolas pesadas na calçada e olhou para a fachada. O prédio parecia ter levado tiros de artilharia leve. Grandes pedaços de reboco haviam caído, e as janelas de um apartamento danificado por um incêndio no primeiro andar estavam tapadas com tábuas. Primeiro ele tinha passado pelo prédio azul de Fredriksen, e era como se o frio houvesse sugado a cor dos prédios, tornando todas as fachadas na rua Hausmann semelhantes. Foi só quando viu “Vestbredden” (Margem Leste) rabiscado na parede de um edifício ocupado de forma irregular que ele entendeu que tinha ido longe demais. Uma fresta no vidro da porta principal tinha a forma de um V.

V de vitória.

Jon tremeu de frio dentro da jaqueta impermeável e se sentia feliz por estar com o uniforme do Exército de Salvação, de lã grossa e pura, por baixo. Quando foi receber seu uniforme ao concluir a Escola de Oficiais, ele não cabia em nenhum dos tamanhos regulares, mas entregaram-lhe o tecido e mandaram-no a um alfaiate, que soprou fumaça em seu rosto e, sem ser indagado, disse renegar Jesus como salvador. Mas o alfaiate fez um bom trabalho e Jon lhe agradeceu calorosamente: ele não estava acostumado a ter roupas que assentassem bem. Diziam que era por causa de suas costas curvas. Quem o viu subir a rua Hausmann naquela tarde deve ter achado que ele andava com o corpo inclinado para evitar o vento gélido de dezembro que varria gelo e lixo congelado pelas ruas, por onde o trânsito pesado passava trovoando. Mas quem o conhecia sabia que Jon Karlsen curvava as costas para diminuir sua altura. E para alcançar os mais baixos que ele. Como fez agora, quando se inclinou para assegurar que a moeda de 20 coroas caísse no copo de papel que se encontrava numa mão suja e trêmula ao lado do portão.

— Como vai? — perguntou Jon à figura sentada de pernas cruzadas sobre um pedaço de papelão na calçada em meio à nevasca.

— Estou na fila de tratamento com metadona — respondeu a lastimável figura numa voz monótona e entrecortada, como se pronunciasse um salmo mal-ensaiado, enquanto olhava para os joelhos das calças pretas de Jon.

— Você devia vir ao nosso café na Urtegata — disse Jon. — Se esquentar e comer um pouco e...

O que se seguiu sumiu no barulho do trânsito quando o sinal atrás deles ficou verde.

— Não tenho tempo — respondeu o homem. — Não teria uma nota de cinquenta?

Jon nunca deixava de se surpreender com o foco infalível dos viciados. Suspirou e enfiou uma nota de cem no copo.

— Veja se encontra alguma roupa quente no Fretex. Se não, temos novos casacos de inverno no Farol. Vai morrer congelado nessa jaqueta jeans.

Ele disse aquilo com uma resignação de quem já sabe que seu presente será usado para comprar droga, mas e daí? Era sempre a mesma coisa, apenas mais um dos dilemas morais sem solução que preenchiam seus dias.

Jon apertou a campainha outra vez. Viu seu reflexo na janela suja da loja ao lado do portão. Thea dizia que ele era um homem grande. Ele não tinha nada de grande. Era pequeno. Um soldadinho. Mais tarde o soldadinho ia correr pela rua Møllerveien, atravessar o rio Aker, o início da zona leste e Grünerløkka, e cruzar o parque de Sofienberg até o número 4 da rua Gøteborg, que era de propriedade do Exército de Salvação e onde seus empregados podiam alugar apartamentos, abrir a porta da entrada B e cumprimentar um dos outros locatários, o qual, ele esperava, acharia que ele está subindo para seu apartamento no quarto andar. Porém, ele pegaria o elevador para o quinto andar, atravessaria o sótão até a entrada A e se asseguraria de que o caminho está livre antes de correr à porta de Thea e bater da forma combinada. E ela abriria a porta e seus braços, onde ele poderia se aconchegar e novamente descongelar.

Algo tremia.

Primeiro pensou que fosse o solo, a cidade, a fundação. Colocou uma sacola no chão e enfiou a mão no bolso da calça. O celular vibrou em sua mão. No display estava o número de Ragnhild. Era a terceira vez naquele dia. Ele sabia que não podia continuar adiando, teria que lhe contar

que ele e Thea iam ficar noivos. Quando encontrasse as palavras certas. Guardou o celular no bolso e evitou olhar seu reflexo. Mas se decidiu. Deixaria de ser covarde. Seria franco. Um grande soldado. Por Thea na rua Gøteborg. Por seu pai na Tailândia. Por Deus no céu.

— Quem é? — gritou uma voz no alto-falante em cima da campainha.

— Oi. Aqui é Jon.

— Hein?

— Jon, do Exército de Salvação.

Esperou.

— O que você quer? — estalou a voz.

— Estou trazendo comida. Vocês devem estar precisando...

— Tem cigarros?

Jon engoliu em seco e bateu com a bota na neve.

— Não, dessa vez só tinha dinheiro para comida.

— Merda.

Silenciou.

— Alô? — chamou Jon.

— Tá, tá. Estou pensando.

— Se quiser, posso voltar mais tarde.

O dispositivo de abrir estalou e Jon empurrou o portão depressa.

No corredor em frente às escadas havia jornais, garrafas vazias e montes de poças de urina amarelas e congeladas. Mas o frio fez com que Jon não tivesse que inalar o fedor penetrante e agriçoce que enchia o corredor em dias mais amenos.

Ele tentou andar sem fazer barulho, mas seus passos ecoaram escada acima. A mulher que o esperava na porta olhou as sacolas com cobiça. Para evitar encontrar seu olhar, pensou Jon. O rosto inchado revelava muitos anos de uso de drogas; ela era gorda e vestia uma camiseta branca e suja por baixo do roupão. Um fedor nauseante vinha da porta.

Jon parou no patamar da escada e colocou as sacolas no chão.

— Seu marido está em casa?

— Está — disse ela num francês meloso.

Era bonita. Maços do rosto salientes e grandes olhos amendoados. Lábios pálidos, finos. E bem-vestida. Pelo menos a parte visível através da porta entreaberta.

Automaticamente, ele endireitou o lenço vermelho.

A trava de segurança entre os dois era feita de chumbo sólido, presa a uma porta pesada de carvalho sem qualquer placa de identificação. Ao

esperar em frente ao edifício na avenida Carnot até que a zeladora abrisse o portão, ele havia notado que tudo parecia novo e caro, a ferragem, a campainha, as fechaduras. E o fato de a fachada amarela pálida e as venezianas brancas estarem cobertas por uma camada feia de poluição preta só servia para destacar a natureza sólida daquele bairro de Paris. No corredor havia pinturas a óleo originais.

— Pois não?

Seu olhar e o tom de voz não eram hostis nem amigáveis, escondiam talvez um quê de ceticismo devido à péssima pronúncia de francês.

— Uma mensagem, madame.

Ela hesitou. Mas acabou agindo como esperado.

— Está bem. O senhor pode esperar aqui, enquanto vou buscá-lo?

Ela girou a chave e ouviu-se um clique suave. Ele batia os pés. Devia aprender melhor o francês. Sua mãe havia insistido em ensinar-lhe inglês à noite, mas nunca conseguiu dar um jeito no francês. Olhou para a porta. Lingerie francesa. Camisinha francesa. Bonita.

Pensou em Giorgi. Giorgi, com seu sorriso branco, era um ano mais velho que ele: 24 anos agora. Estaria bonito como antes? Louro, baixo e bonito como uma menina? Ele fora apaixonado por Giorgi, como apenas crianças conseguem se apaixonar: incondicionalmente e sem preconceitos.

Ouviu passos vindos do interior. Passos de um homem. Alguém mexendo na fechadura. Uma conexão azul entre trabalho e liberdade, daqui para sabonete e urina. A neve ia cair em breve. Ele se preparou.

O rosto do homem surgiu no vão da porta.

— O que você quer?

Jon levantou as sacolas de plástico e esboçou um sorriso.

— Pão fresco. Cheira bem, não é?

Fredriksen colocou a mão grande e bronzeada no ombro da mulher e a afastou com um empurrão.

— O único cheiro que estou sentindo é de sangue cristão...

Sua dicção era clara e sóbria, mas as íris aguadas no rosto barbudo demonstravam outra coisa. Os olhos tentaram focar nas sacolas. Ele parecia um homem grande e forte que encolhera por dentro. Como se o esqueleto, até mesmo o crânio, houvesse diminuído de tamanho dentro da pele, que agora pendia três vezes mais pesada de seu rosto malicioso. Fredriksen passou um dedo encardido sobre os cortes recentes no dorso nasal.

— Não vai começar o sermão, vai? — perguntou.

— Não, eu só queria...

— Ah, vamos lá, soldado. Com certeza querem alguma coisa em troca, não é? Minha alma, por exemplo.

Jon se arrepiou por baixo do uniforme.

— As almas não são da minha conta, Fredriksen. Mas arranjo sempre um pouco de comida, por isso...

— Ah, faça um pequeno sermão antes.

— Como disse, eu...

— Um sermão!

Jon ficou olhando para Fredriksen.

— Faça um sermão com aquela sua boquinha molhada de boceta! — berrou Fredriksen. — Um sermão para que possamos comer com a consciência limpa, seu desgraçado cristão condescendente! Vamos, acabe logo com isso, qual é o recado de Deus hoje?

Jon abriu a boca e a fechou. Engoliu em seco. Tentou de novo e dessa vez suas cordas vocais responderam.

— O recado é que Ele nos deu seu único filho, que morreu... pelos nossos pecados.

— Você está mentindo!

— Infelizmente, não — disse Harry, observando o rosto assustado à sua frente no vão da porta.

Havia cheiro de comida e chacoalhar de talheres ao fundo. Um homem de família. Um pai. Até agora. O homem se coçou no braço e fixou o olhar em algum ponto acima da cabeça de Harry, como se houvesse alguém acima dele. A coceira produziu um desagradável som ríspido.

O som dos talheres cessou. Passos arrastados pararam atrás do homem e uma pequena mão surgiu em seu ombro. Um rosto de mulher com grandes olhos assustados despontou.

— O que foi, Birger?

— Esse policial tem algo a nos dizer — disse Birger Holmen sem alterar a voz.

— O que é? — perguntou a mulher, e olhou para Harry. — É sobre nosso menino? É sobre Per?

— Sim, *fru* Holmen — respondeu Harry e viu o pavor penetrar seus olhos. Novamente procurou pelas palavras impossíveis. — Ele foi encontrado há duas horas. Seu filho está morto.

Harry teve que desviar o olhar.

— Mas ele... ele... onde...? — Seu olhar pulou de Harry para o marido, que coçava o braço sem parar.

“Logo vai começar a sangrar”, pensou Harry, e limpou a garganta.

— Num contêiner em Bjørvika. E nossos receios se confirmaram. Ele já estava morto há bastante tempo.

Birger Holmen pareceu perder o equilíbrio e cambaleou para trás no corredor iluminado, até que se agarrou a um porta-chapéus. A mulher deu um passo para a frente e Harry viu o homem cair de joelhos atrás dela.

Respirou fundo e enfiou a mão por dentro do casaco. Sentiu o metal do cantil de bolso gelado nas pontas dos dedos. Encontrou o que estava procurando e retirou um envelope. Não havia lido a carta, mas conhecia muito bem o conteúdo. A curta notificação oficial de morte, repleta de palavras desnecessárias. O anúncio da morte através de um ato burocrático.

— Sinto muito, mas é meu trabalho entregar isso.

— Seu trabalho é fazer o quê? — perguntou o homem baixo de meia-idade com a pronúncia francesa exageradamente *mondaine* que não caracteriza a classe alta, mas aqueles que ambicionam chegar lá. O visitante o analisou. Tudo estava conforme o retrato do envelope, até o apertado nó da gravata e o frouxo paletó vermelho.

Não sabia o que aquele homem havia feito de errado. Não devia ter machucado alguém, pois, apesar da expressão irritada, sua linguagem corporal era defensiva, quase ansiosa, mesmo na porta de sua própria casa. Teria roubado ou desviado dinheiro? Parecia ser bom com cifras. Mas não com as altas. Não obstante, a bela mulher mais parecia alguém que desfalcava um pouco ali um pouco acolá. Teria traído a mulher, transando com a esposa do homem errado? Não. Os baixinhos que possuem bens um pouco acima da média e mulheres bem mais atraentes que eles próprios estão normalmente mais ocupados em saber se elas são infiéis ou não. Aquele homem o irritava. Talvez fosse isso. Talvez tivesse apenas irritado alguém. Enfiou a mão no bolso.

— Meu trabalho... — disse e apoiou o cano de um Llama MiniMax, que comprara por apenas 300 dólares, na corrente de porta esticada — é esse.

Mirou pelo silenciador. Era um tubo metálico simples, que mandara fazer num armeiro em Zagreb, atarraxado ao cano. A fita adesiva preta que dava várias voltas no encaixe entre as duas partes servia apenas para

torná-lo à prova de ar. Claro, podia ter comprado um silenciador de qualidade por uns 200 euros, mas para quê? Nenhum deles abafaria o barulho de uma bala furando a barreira do som, do gás quente se chocando com ar frio, ou das peças metálicas da pistola batendo umas contra as outras. Pistolas com silenciadores soando como pipoca embaixo de uma tampa, só em Hollywood.

O estampido soou como uma chicotada, e ele pressionou o rosto contra o vão estreito.

O homem do retrato não estava mais lá: havia caído para trás sem um ruído. O corredor estava mal-iluminado, mas no espelho da parede ele viu a fresta de luz que vinha do vão da porta e seu próprio olho arregalado emoldurado em ouro. O homem morto estava num tapete grosso cor de vinho. Persa? Talvez tivesse mesmo dinheiro.

Agora só tinha um furo na testa.

Ele levantou a cabeça e encontrou o olhar da esposa. Se é que era a esposa. Ela estava na soleira da porta de outro cômodo. Atrás dela havia uma enorme lâmpada oriental amarela. Ela cobriu a boca com a mão e olhou fixamente para ele. Ele a cumprimentou com a cabeça. Depois fechou a porta com cuidado, enfiou a pistola no coldre do ombro e começou a descer as escadas. Nunca usava o elevador quando batia em retirada. Ou carros de aluguel, motocicletas ou outras coisas que podiam dar defeito e parar. E não corria. Não falava ou gritava, a voz podia ser identificada.

A fuga era a parte mais crítica do trabalho, mas também o momento de que ele mais gostava. Era como um voo, um nada sem sonhos.

A zeladora havia saído de seu apartamento no térreo e olhou para ele com espanto. Ele sussurrou um *Au revoir, madame*, mas ela continuou olhando, calada. Quando ela fosse interrogada pela polícia uma hora mais tarde, pediriam a descrição dele. E ela lhes daria uma. De um homem de estatura média e aparência comum. Vinte anos. Talvez 30. Não, 40, ela achou.

Ele saiu para a rua. Paris rugia baixinho, como um trovão que nunca chegava perto, mas também nunca cessava. Jogou sua Llama MiniMax numa lata de lixo previamente escolhida. Duas pistolas novas em folha esperavam por ele em Zagreb. Conseguira um desconto pela quantidade.

Meia hora mais tarde, quando o ônibus para o aeroporto passou pela Porte de la Chapelle, na estrada entre Paris e o Charles de Gaulle, o ar estava cheio de flocos de neve caindo entre o disperso capim amarelo pálido que despontava em direção ao céu cinzento.

Depois de passar pelo check-in e pelo controle de segurança, foi direto ao banheiro masculino. Posicionou-se no final da fileira de bacias brancas, abriu o zíper e deixou o jorro cair sobre as pedras sanitárias ao fundo. Fechou os olhos e se concentrou no cheiro adocicado de paradiclorobenzeno e a fragrância de limão da J & J Chemicals. Faltava apenas uma parada em sua conexão para a liberdade. Ele pronunciou o nome. Os-lo.